

LES 380 Agricultura familiar, desenvolvimento rural e questão agrária

A agricultura francesa por Julia Gardies (tradução e complementação pelo professor)

No século XIX, o modelo agrícola francês era constituído de pequenas explorações agrícolas familiares de policultura e pecuária pouco produtivas e necessitando muita mão de obra. Este sistema foi devastado na segunda guerra mundial. A produção agrícola em 1945 representava 2/3 daquela de 1938. As importações não eram suficientes para completar o déficite. Assim, os franceses utilizaram cartões de racionamento para ter acesso à alimentação até 1949. Durante estes anos difíceis, uma das prioridades do governo e dos franceses foi aumentar a produção nacional a fim de assegurar a segurança alimentar do país.

As explorações familiares médias foram então consideradas como ideais para serem o teatro da modernização. A partir de 1947, tem início a Revolução Verde. A utilização de insumos químicos se generaliza progressivamente. O Plano Marshall é implantado pelos Estados Unidos: 6 bilhões de dólares são destinados para a Europa em reconstrução. Para os camponeses franceses, este plano significou a chegada de milhares de tratores que substituíram a tração animal.

Medidas políticas são tomadas na escala departamental durante aproximadamente vinte anos a fim de favorecer estas agriculturas, tais como o controle do fundiário (notadamente pelas Sociedades de ordenamento fundiário e assentamento rural). Desta forma, houve intenção por exemplo de regular o tamanho das explorações, de permitir a instalação de jovens agricultores na medida em que se encorajava a aposentadoria antecipada dos mais velhos e de favorecer os arrendatários. A modernização e a mecanização, assim como o remembramento das terras para aumentar as áreas das explorações, permitiram o crescimento da área cultivada por trabalhador. Houve assim uma redução do número de explorações e uma diminuição da proporção dos ativos agrícolas na população francesa: em 1945, havia um trabalhador para cada 3 no setor agrícola, hoje há 1 para cada 22.

Um novo modelo de exploração moderna foi assim criando com uma média de 2 UTH (unidade de trabalho humano) e uma mão de obra jovem. As ações impulsionadas pelos poderes públicos foram reforçadas e multiplicadas pelas organizações dos agricultores que progressivamente se estruturaram durante este período, em quadro de grande consenso político em favor da modernização. A Política Agrícola Comum foi implantada em 1962 para acompanhar estas mudanças e assegurar um nível de vida mínimo aos agricultores, graças aos preços garantidos e sob a perspectiva de uma paridade socioeconômica entre os trabalhadores rurais e urbanos. A França alcança sua autossuficiência alimentar e se torna mesmo uma potência mundial no plano agrícola.

Convém destacar que, apesar do aumento da produtividade e do tamanho das explorações, a agricultura francesa permanece essencialmente familiar, com um ou vários chefes de exploração que fornecem a metade do trabalho na agricultura e, mesmo, 75% se forem incluídos aí membros de sua família. Assim, o debate de fundo, muito atual, opõe antes um modelo dominante de agricultura produtivista industrial aos modos de produção camponês com uma atenção particular ao *terroir*.

É importante considerar a evolução histórica da agricultura desde 1950, pois ela explica em parte o porquê atualmente o modelo dominante continua a receber a maior parte dos grandes investimentos (tratores cada vez mais potentes, equipamentos de ordenha sofisticados, etc.), o que é a causa maior do grande endividamento das explorações. Este referencial produtivista moderno é defendido pela estrutura sindical profissional majoritária, a FNSEA (Federação Nacional dos Sindicatos de Agricultores). Sindicatos minoritários denunciam este paradigma. Notadamente, vale citar a Confederação Camponesa (*Confédération paysanne*), que defende uma agricultura camponesa respeitosa do meio-ambiente, do emprego agrícola e da qualidade dos produtos.

De fato, a modernização dita da Revolução Verde foi acompanhada de uma diversificação dos modos de pensar a agricultura. É possível colocar em evidência certos limites do modelo dominante: - sociais, em 1955, a França contava 2,3 milhões de explorações agrícolas, mas este número cai para 500.000 em 2010; - ambientais, os agricultores por muito tempo tomaram pouco em consideração os impactos de suas agriculturas sobre o meio-ambiente. Na Bretagne, a concentração de suínos criados em sistemas industriais provocou a concentração de nitrato nas águas, o que levou a uma proliferação de algas verdes tóxicas; - sanitárias, certas epidemias (tal como a vaca louca) são provocadas por pesticidas ou pela lógica industrial de produção; - crise de confiança, os consumidores estão frequentemente longe dos produtores e a questão da composição dos alimentos transformados se levanta. Recentemente, carne de cavalo foi encontrada em lasanhas vendidas em embalagens cujas etiquetas indicavam uma composição com “pura carne de vaca”.

Estas crises são muito mediatizadas. Provocam uma desconfiança da população em relação à agricultura e uma tomada de consciência do impacto desta última sobre o meio-ambiente. Todavia, o meio rural tem ainda muita importância para os franceses, que consideram, bem justamente, que a agricultura produz alimentos e é, portanto, a base da gastronomia francesa. Ademais, ela garante também o patrimônio paisagístico do país. Assim, diferentes iniciativas se desenvolvem, tais como:

- a semana da agricultura camponesa « la *"semaine de l'agriculture paysanne"* ». É organizada em março nas escolas para sensibilizar os estudantes sobre as políticas agrícolas e alimentares; - para as crianças, a semana do gosto « la *"semaine du goût"* ». Trata-se de uma ocasião para descobrir novos sabores mas também aprender o que é um produto orgânico e porquê consumir produtos locais; - as *AMAPs (Associations pour le maintien de l'agriculture paysanne)* se desenvolvem em toda a França, contando hoje 1.600. Trata-se de um modo de consumo engajado: os consumidores pagam antecipadamente por um ano cestas semanais ou mensais de alimentos para um ou mais agricultores. As motivações são múltiplas, tais como permitir aproximar produtor e consumidor, melhor remunerar o agricultor, pois não há margem partilhada com os intermediários. Trata-se, portanto, de um meio de sustentar as pequenas explorações e de conservar uma atividade agrícola peri-urbana; - *Terre de liens* é uma rede agrupando cidadãos, que compram coletivamente recursos fundiários, e agricultores que se aposentam sem sucessores, legando suas terras. *Terre de liens* permite então a instalação de muitos pequenos agricultores, com valores éticos comuns a todos os participantes (tais como respeito ao meio-ambiente).

Este entusiasmo pelo mundo rural e pela agricultura leva cidadãos a mudar completamente de profissão e de modo de vida, por exemplo se tornando horticultor. Contudo, estas novas instalações são por vezes vítimas de uma visão idealizada do campo e estas iniciativas podem abortar por falta de saber-fazer e de organização.

Recentemente, em escala nacional a **Loi d'avenir pour l'agriculture, l'alimentation et la forêt de 2014** (Lei de futuro para a agricultura, alimentação e floresta) prevê tanto o reforço dos controles das estruturas agrícolas para limitar o crescimento desmedido das explorações quanto novas medidas para favorecer a instalação de jovens agricultores. Estas orientações visam preservar o caráter familiar da agricultura na França.

Enfim, o caráter camponês da agricultura permanece ancorado na cultura e na política francesa. Este caráter marca os laços entre o *terroir*, as pessoas e as tradições culinárias. Ora, a agricultura francesa permanece hoje muito fortemente dependente dos subsídios da PAC e o futuro destes aqui é cada vez mais incerto. Diante da crise atual do mundo agrícola, o engajamento cidadão é essencial, para proteger um comércio justo, mas igualmente para encorajar uma agricultura mais respeitosa do meio-ambiente. Assim, trata-se de mostrar disposição para aumentar um pouco a parte do orçamento familiar destinado à alimentação: falaríamos então de Consum'ator (*Consomm'ateurs*).